

Filologia e História

(V)

*A memória do Cardeal Saraiva,
de Martins Sarmiento,
de Augusto Magne.*

SUMÁRIO: — (22) Pesquisa estrímnica; a) Generalidades; b) Estado actual da Lingüística acerca do «céltico»; c) A doutrina lingüística de Martins Sarmiento; d) Língua estrímnica e berbere, língua céltica e língua dos Lusitanos. — (23) Aba, Oba e Opa — (24) Alba. — (25) Boça. — (26) Gôto. — (27) Leira. — (28) Maluco (a).

(22) — PESQUISA ESTRÍMNICA

a) *Generalidades.* — É fora de toda a dúvida que o português (ou galegoportuguês) provém do latim. No entanto, antes de romanizada a Estrimne Cinética, «Ocidental Praia» de Estrabão e Camões, — Lusitânia primitiva, — um idioma era falado nesta orla extrema do Orbe conhecido da Antiguidade, idioma que designámos naturalmente por estrímnico, e que era relacionado com o berbere, o velho irlandês, etc., e de raiz indo-europeia. Após a romanização, sem contar com alguma influência fenícia ou cartaginesa de vocábulos isolados, dá-se a invasão sueva, com forte contribuição vocabular germânica, graças à fusão étnica lusitano-sueva, embora com predomínio cultural do primeiro elemento, e portanto da latinidade. Por último, há o influxo árabe, sobretudo no onomástico, por motivos religiosos, que levavam a adoptá-lo;

nas técnicas, pelo adiantamento da Civilização dos dominadores; no comércio, pela absorção dos canais de riqueza e dos impostos sobre o povo submetido; nas leis e na política.

Entretanto, núcleos celtas se estabeleceram antes dos Romanos em Portugal e Galiza, que nem cumpre subestimar nem reputar absorventes.

Claro que a teoria dum idioma único peninsular (?) *ibérico*, que seria o *vasco* (!), logo a seguir fundido com o céltico, produzindo o *celtibérico*, é apenas uma das muitas fantasias destinadas a basear as pretensões filipinas, ou as iberistas dos que abjuram da sua Pátria, abjurando da razão e da Ciência. Nem vale a pena perder tempo com ela, a não ser quando venha a talho duma boa foice ...

b) *Estado actual da Lingüística acerca do «céltico»*. — Segundo Peixoto da Fonseca, actualizado expositor do assunto, na sua descrição das línguas indo-europeias, usa-se destacar nestas o *ramo céltico*, ou, como outros preferem dizer mais brevemente, o *céltico*. Supostamente falado em toda a Europa Ocidental, seria o mais aparentado com o *latim* e línguas deste procedentes, a ponto de haver autores que formam com os dois um ramo «italo-céltico».

No mesmo chamado ramo céltico, inclui-se o extinto *gaulês* ou *gálico*, falado na Gália antes da conquista romana, e cujos dialectos desapareceram nos primeiros séculos da nossa era, deixando poucos vestígios: nomes de lugar, nomes de antigas divindades e de personagens memoradas pela História, algumas inscrições e um texto fragmentário. O gaulês é, para nós, *céltico*, sem discussão ...

Vive porém ainda o *gaélico* ou *irlandês* em formas evoluídas.

Mas o *velho irlandês* ou *hibérnico* constitui a forma mais antiga³⁵⁹. Como tal a estudaram, por exemplo, Stokes e Bezenberger³⁶⁰.

³⁵⁹ Cfr. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, *O português entre as línguas do Mundo (História — Variedades)*, Coimbra, 1985, p. 23; e Émile Boisacq, *Dict. étimol. de la langue grecque*, passim.

³⁶⁰ Whitley Stokes, *Three Irish glossaries*, Londres, 1862; idem e Bezenberg, *Urkeltischer Sprachschatz*, in *Vergleichendes Wörterbuch*

Aqui importa fazer uma pausa.

Um autor irlandês contemporâneo dá-nos a conhecer algumas ideias correntes a respeito desse vetusto idioma. Releve-se-nos o extenso da citação, que se vai seguir, pelo interesse em conhecer essas ideias. Escreve pois esse autor, Francis J. Byrne:

«O termo *céltico* é primeiramente lingüístico, dado que o céltico, assim como o grego e o sânscrito, constitui um ramo da família indo-europeia de línguas, a que pertencem o germânico, o latim, o esclavónico e o persa. (...)

A língua irlandesa deriva dum dialecto chamado o *Q-céltico*. Os Celtas da Gália e da Britânia falavam o *P-céltico*, antecessor do galês e do bretão. A sua palavra para «cavalo» era *epos*, enquanto os Q-Celtas diziam *equos*, que deu em irlandês *ech*, e no irlandês moderno *each*»³⁶¹.

Deixando agora outras teorias, como a do *desaparecimento por completo do idioma ou idiomas pré-célticos da Irlanda, absorvidos pelo céltico*, — o que não passa evidentemente duma *hipótese nordicista*, — sublinhemos a evidente afinidade do irlandês, dito Q-céltico, *equos* com o latim *equus*, enquanto o P-céltico *epos* se aproximava antes do grego ἵππος «híppos».

Convém, antes de passar adiante, citar Máirtin Ó Murchú, que também frisa que «os fragmentos do gaulês — conservados principalmente em inscrições, topónimos e referências de autores clássicos — revelam pouquíssimo do nível da velha Cultura Céltica, e são muito dispersos, para permitirem compilar uma gramática detalhada do céltico continental, e dificilmente poderão ser interpretados», senão recorrendo às línguas «célticas» ainda existentes, das quais se considera o moderno irlandês a mais falada e arcaica de todas³⁶².

der indogermanischen Sprachen, dirig. por August Fick, Gotinga, 1880-1894; W. Stokes e J. Strachan, *Thesaurus palaeahibernicus*, Cambridge, 1901-1903.

³⁶¹ Francis J. Byrne, *Early Irish society (1st — 9th century)*, in T. W. Moody & F. X. Martin, *The course of Irish history*, Cork, 1967, p. 44.

³⁶² Martin Ó Murchú, *The Irish language*, Dublin, 1985, p. 10.

Eis um elemento importante, sem dúvida, para se responder a uma pergunta: seria realmente o hibérico ou velho irlandês uma língua céltica?

Baseados num equívoco, muitos, a maioria dos lingüistas, partindo do princípio de que a população primitiva da Irlanda, importada da Península Ibérica ou do Médio Oriente através dela ou da França³⁶³, não era indo-europeia³⁶⁴, concluem que essa população não falaria língua alguma indo-europeia — mesmo das do Médio Oriente; e por isso, como o velho irlandês tinha feição indo-europeia, entendem que só os Celtas o podiam ter criado, imposto e generalizado — pelo que é «céltico»³⁶⁵.

Ora Martins Sarmiento encarregou-se há muito de desfazer tal equívoco, segundo veremos. E a ideia de colonizadores orientais, mesmo do Mediterrâneo, esbarra com as já antigas aquisições da Arqueologia, de que *as formas primitivas da Civilização Megalítica*, que da Península Ibérica atingiu, além doutras regiões, a Irlanda, estão no território português e galego³⁶⁶.

Regressando à enumeração dos idiomas incluídos no grupo gaélico ou irlandês, cumpre naturalmente agora indicar o *moderno irlandês*, que Peixoto da Fonseca diz falado por 750.000 pessoas na Irlanda Ocidental³⁶⁷.

Máirtín Ó Murchú, referindo-se à língua irlandesa no século XX, escreve que hoje «as regiões, onde o irlandês sobreviveu como *língua de comunidade*, são chamadas colectivamente *Gaeltacht*». Essas áreas não são, porém, as únicas onde se usa o irlandês, não obstante o pouco zêlo dos pais,

³⁶³ G. F. Mitchell, *Prehistoric Irland*, in Moody & Martin, *op. cit.*, p. 35.

³⁶⁴ *Loc cit.* e pp. 37-38; Byrne, *loc. cit.*

³⁶⁵ Byrne, *loc. cit.*

³⁶⁶ V. Gordon Childe, *A aurora da Civilização Europeia*, Lisboa, 1969, p. 543: — «Todas as rotas provenientes do Sul consideradas até agora convergem na Grã-Bretanha. É aqui o término setentrional da via marítima *megalítica* que, desde Portugal, sobe ao longo das costas atlânticas». Cfr. A. A. Mendes Correia, *Raízes de Portugal*, Lisboa, 1938, p. 53, também.

³⁶⁷ Fonseca, *loc. cit.*

que em vez da sua língua, só falam com os filhos em inglês. Ainda assim voltaram em 1981 ao uso do irlandês 1.018.312 pessoas, ou seja, 31,6% da população, embora viesse a descer 4,9% o número de irlandofalantes nas áreas *gaeltacht*. Um mapa, que acompanha esta exposição, mostra no entanto toda a ilha com percentagens de irlandofalantes que vão de 10% a mais de 80%, de leste para oeste»³⁶⁸.

Pode-se fazer assim juízo sobre a persistência da tradição lingüística e a sua recuperação, eventualmente, por via culta, evolução curiosamente semelhante à do galego na Galiza.

Exceptua-se, no mapa acima referido, grande parte do Ulster, no Norte da Irlanda, por circunstâncias de todos conhecidas.

Continuando o panorama do gaélico, dado por Fernando Peixoto da Fonseca, importa mencionar o «*erse* ou *gaélico escocês*, falado na Escócia, nos Highlands» ou Terras Altas, por 100.000 pessoas, e o «*manx* ou *manquês*, falado na Ilha de Man ou do Homem (desaparecido recentemente)».

Finalmente, o terceiro grupo lingüístico do chamado ramo céltico, é o *câmbrico* ou *bretónico*, constituído pelo «*galês*, falado no País de Gales por cerca de 650.000 pessoas (1982)», pelo *bretão* ou *armórico*, falado na Bretanha francesa (1.100.000 pessoas), e pelo «*córnico*, falado na Cornualha até ao século XVIII»³⁶⁹.

c) *A doutrina lingüística de Martins Sarmento.*

I. Não tem sido ponderada, entretanto, nem sequer lembrada, em geral, a doutrina lingüística de Martins Sarmento, que dedicou uma vida inteira a investigar os nossos monumentos arqueológicos, fez as (notáveis ainda) escavações das Citânias de Briteiros e de Sabroso, e prestou aguda atenção às fontes relativas à História Antiga, deixando-nos uma obra inestimável.

Essa doutrina foi, na época, atacada por uns e silenciada por outros, devido a dois motivos (exteriorizados):

³⁶⁸ M. Ó Murchú, *op. cit.*, pp. 28-31.

³⁶⁹ Fonseca, *loc. cit.*

1.º) a *não aceitação cega do celtismo* das línguas primitivas do Ocidente ibérico por parte de Sarmiento, e a sua negação do carácter céltico, absoluto, das línguas referidas no elenco da alínea anterior;

2.º) a sua defesa de que tinha *carácter indo-europeu* o originário idioma dos Lusitanos (Portugal e Galiza essencialmente), doutrina que levava Martins Sarmiento a adoptar a tese ligúrica de D'Arbois de Jubainville³⁷⁰ quanto à estirpe da população primitiva do nosso território europeu.

A maior parte dos argumentos, em que ele baseava a filiação ligúrica dos Lusitanos, mormente os extraídos da interpretação então corrente do poema *Ora Maritima* de Rufo Festo Avieno, está perempta, em face da investigação posterior séria³⁷¹. Evidentemente que o carácter indo-europeu da nossa língua primitiva justificava ou explicava a sua ideia da origem nórdica da população primitiva de Portugal e Galiza, à semelhança dos Lígures. E, se essa origem ligúrica, embora não céltica, não está provada..., também não se prova o contrário. Por outro lado, como o próprio Martins Sarmiento declara, «modernamente», ou seja no seu tempo, «tem sido objecto de surpresa a *estreita analogia entre o genovês e a língua portuguesa*»³⁷². O grifo é nosso.

Atentemos por conseguinte, acima de tudo, na refutação, que ele faz, do suposto *celtismo primitivo*, visto ser esse o cerne do seu pensamento lingüístico, a que nos cingiremos.

³⁷⁰ D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe, d'après les auteurs de l'antiquité et les recherches les plus récentes de la linguistique*, Paris, 1877, passim.

³⁷¹ Cfr. Francisco J. Velozo, *Oestrymnis*, cit., cap. II, pp. 58-66, AA. aí cits.

³⁷² Francisco Martins Sarmiento, *Os Lusitanos. Questões de Etnologia*, publ. em 1880 e incluído no vol. do mesmo (póstumo) *Dispensos. Colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pré-Histórica*, Coimbra, 1933, a pp. 41-60. Cfr. p. 47, nota 2, citando Diefenbach, *Celtica*, p. 39. Sobre alguns aspectos das afinidades do português e do genovês, cfr. também F. J. Velozo, *Filologia e História*, I (1982), 1 b; III (1984) 13 a, e IV (1986) 21 a, no «Boletim de Trabalhos Históricos» (Guimarães), e separatas; e AA. aí citados.

II. No estudo *Os Lusitanos*, publicado em 1880, observa Sarmiento:

«O mais antigo documento, que nos dá notícia dos Celtas, é um roteiro fenício [entenda-se, em sentido lato; melhor dizendo: cartaginês³⁷³] do século VI, utilizado por Avieno. (...) Expulsos do Noroeste da Europa pela invasão céltica, os Lígures fogem (...). Sendo o roteiro escrito no século VI, opinião do sr. Karl Müllenhoff³⁷⁴, a primeira aparição dos Celtas no teatro da História pode ser colocada no século VII, sem grande perigo de errar.

Consultemos agora as notícias que acerca dos Celtas tinham recolhido os escritores latinos e gregos.

Segundo Lívio, a emigração céltica dá-se no tempo de Tarquínio o Antigo, século VII³⁷⁵. Quanto ao ponto de partida desta emigração, se o Historiador parece ter em vista numa parte a «Céltica» de César, o que é de todo o ponto insustentável, noutra parte, em que se pressente o eco da tradição, os Celtas vinham *ab oceano terrarumque ultimis oris*³⁷⁶. Plutarco também nada sabe ao certo da pátria primitiva dos Celtas, mas todos os testemunhos que ele pôde coligir sobre a Céltica,—donde, se bem o entendemos, faz sair os Celtas e os Cimbro, —apontam o Mar Hiperbóreo, as extremidades da terra, as regiões onde os dias são de seis meses.

Era também a opinião de Helânico do Ponto, que fazia sair os Celtas do país dos Hiperbóreos³⁷⁷.

As tradições druídicas eram um pouco mais positivas: parte da população da Gália viera *ab insulis extremis*³⁷⁸ *et tractibus transrhenanis*³⁷⁹.

³⁷³ Cfr. Velozo, *Oestrymnis ...*, pp. 39-40, e AA. aí cits.

³⁷⁴ Na sua obra *Deutsche Altertumskunde* [I, Berlim, 1890], p. 73 e segs. — Nota de Sarmiento.

³⁷⁵ T. Liv., V, 34. — Nota de Martins Sarmiento.

³⁷⁶ Id., V, 37. Quanto às dúvidas que têm suscitado as afirmativas de Lívio, relativamente aos Celtas, vid. Alex. Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, pp. 421-33. — *Idem*.

³⁷⁷ Cfr. Plutarco, *Mar.*, XI. — *Id.*

³⁷⁸ Variante: *extimis*.

³⁷⁹ Am. Marcel. XV, 9, 2. Ver nestas ilhas as Britânicas, como alguns têm pretendido, é insustentável — *Id.* [O texto completo de

Deixando agora o problema da localização da origem dos Celtas, que todos apontam além-Reno e relacionam com as Culturas da Europa Central, ditas de Hallstatt e de La Tène³⁸⁰, não prosseguiremos no estudo do itinerário desse Povo ou conjunto de Povos.

Concretamente, a respeito dos Celtas da Península Ibérica, escreve Martins Sarmiento:

«Conhece-os [aos Celtas] já Heródoto, a par dos Cinetes, no ano de 445-43³⁸¹, de sorte que pode assentar-se como certo, que a invasão céltica [da Península] se efectuou entre o século V e VI»³⁸² [antes de Cristo].

Versando concretamente depois a entrada de Celtas em território português e galego — ponto de partida que evidentemente deve ser o de toda a investigação lingüística respectiva! — e a geografia do seu estabelecimento aqui, Sarmiento descobre-os — «seguinto por entre Tejo e Guadiana, e vindo habitar perto das margens deste último rio, no³⁸³ Sul da Lusitânia. (...) Adoptam aí estabelecimentos fixos, pois que Plínio os conhece nos mesmos lugares onde os conheceu Heródoto³⁸⁴. Apenas alguns bandos destes *Celtici* do Ana, já mancomunados com os Túrdulos — não Celtas [do Algarve, naturalmente, os seus vizinhos, e não da Beira Litoral, os Velhos Túrdulos, *Turduli Veteres*, que ficavam longe deles!] —, fazem uma excursão para o norte. Chegando ao Rio Lima, as duas hostes desavêm-se e destroçam-se mutua-

Amiano Marcelino diz: *Drasidae memorant revera fuisse populi (sc. Galliae) partem indigenam, sed alios quoque ab insulis extremis comfluxisse et tractibus transrhenanis*. Cfr. Henri Hubert, *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène*, 2.^a Ed., Paris, 1950, p. 172].

³⁸⁰ Cfr. T. G. E. Powell, *Os Celtas*, trad. do orig. ingl. de 1958, Lisboa, 1974, p. 28.

³⁸¹ Acerca desta data vid. Jubainville, *ob. cit.*, p. 282. — Nota de Sarmiento. Cfr. Velozo, *Oestrymnis ...*, pp. 58 e segs.

³⁸² Aqui dissente Martins Sarmiento de Jubainville, — que coloca essa invasão nos princípios do séc. V (*op. cit.*, pp. 38 e 279), — mandando comparar com Müllenhoff, *op. cit.*, pp. 108 e segs.

³⁸³ No texto (pág. 45) «ao», gralha não corrigida, por lapso de revisão, na errata dos *Dispersos*.

³⁸⁴ Plínio, *História Natural*, III, 3. — Nota de Sarmiento.

mente, indo as relíquias célticas domiciliar-se pelas imediações do Promontório Nério»³⁸⁵.

Neste ponto, devemos reconhecer que se pode afigurar ter Sarmento dado sentido restritivo ao passo, onde aqui se baseia, de Estrabão, que diz, segundo a tradução de José Cardoso:

«Os últimos são os Artabros, que habitam na vizinhança do Cabo chamado Nério, e que é o termo dos lados oriental e boreal (da Ibéria); perto deste (mesmo cabo, vivem ainda) os Célticos, parentes daqueles outros que habitam nas cercanias do Anas. Sem dúvida, diz-se que estes e os Túrdulos, após terem atravessado o Rio Limea numa sua expedição (contra estes Povos), ali se rebelaram...»³⁸⁶.

É algo diferente. Mas nota o tradutor que, neste passo, o verbo *στασιάζω* «stasiázô», empregado no original, significa, além de «revoltar-se», também «estar dividido, ou dividir-se (por divergências de rebelião ou parecer)». Eis o sentido concorde com a interpretação de Sarmento: uma discórdia entre os Túrdulos (algarvios) e os Celtas (alentejanos), que postula a letra do original, dizendo «que *entre* estes e os Túrdulos, etc.»³⁸⁷. Continuemos porém a ler Estrabão:

«... e que após esta rebelião (ou discórdia), como o chefe se perdesse, por ali mesmo ficaram dispersos; e que por esse motivo o rio se chamou também Letes. Têm os Artabros muitas cidades estabelecidas numa baía [ou golfo³⁸⁸], a que os marinheiros, que a frequentam, dão a designação de Porto dos Artabros. Actualmente, aos Artabros chama-se-lhes Arótebros»³⁸⁹.

³⁸⁵ Estrabão, *Geografia*, III, 3, 5. — *Idem*.

³⁸⁶ Trad. *Estrabão — Livro III da Geografia*, cit., p. 39. Por exemplo.

³⁸⁷ *Op. cit.*, nota 259. Na mesma ordem de ideias, o prestimoso *Diccionario ... griego-español*, de J. M. Pabón S. de Urbina, cit., verba: *στασιάζω* «stasiázô», sublevar-se, revoltar-se (*contra alguém* + dat., ou *πρός* «prós» + ac.); lutar, formar um partido (*contra alguém* + dat., *ἐπί* «epí», ou *πρός* «prós» + ac.); formar partido ou criar discórdias; combater-se, fixar, estar em desacordo». Evidente que só as duas últimas séries de significações, e não as primeiras, que requerem regências (contra a ideia de Schulten), fazem sentido.

³⁸⁸ Trad. cit., nota 263.

³⁸⁹ V. nota 386, *supra*. Eis a lição do original grego (lição de Fran-

De positivo, conclui-se que a discórdia se deu às margens do Lima, rio que fica bem longe do Cabo de Finisterra galego, como do Golfo da Corunha, logo mencionado. Assim, a dispersão dos invasores foi grande, e não se limitou às margens daquele rio minhoto portanto. Que se fez em vários sentidos, resulta logo da notícia, que traz Estrabão, de terem ficado os Celtas perto dos Artabros — sem dúvida os que formaram a diocese de Britónia, no século VI, com o seu Bispo Mailoc³⁹⁰, e a *civitas Brigantium*, cidade dos Brigantes, ou *Brigantia*, na actual Corunha, — bordejando o Mar Cantábrico e iluminando-o com o farol erguido por um arquitecto da actual Coimbra³⁹¹; nome que está na origem também da nossa Bragança³⁹², cidade e região, indicando a presença dos mesmos Celtas Britânicos ou Britónicos, da tribo ou nação dos Brigantes.

d) *Lingua estrímnica e berbere, língua céltica e língua dos Lusitanos.* — Tal como na Irlanda e em outros países, que imigrantes célticos demandaram, a população anterior

cesco Sbordone, *Strabonis Geographica*, vol. secundum: Libri III-IV, Roma, 1970, p. 41):

καὶ γὰρ τούτους καὶ Τουρδούλους στρατεύσαντας ἐκεῖσε στασιάσαι φασὶ μετὰ τὴν διάβασιν τοῦ Λιμαία ποταμοῦ· πρὸς δὲ τῇ στάσει καὶ ἀποβολῆς τοῦ ἡγεμόνος γενμένης, καταμεῖναι σκεδασθέντας αὐτόθι· ἐκ τούτου δὲ καὶ τὸν ποταμὸν Λήθης (προσ)αγορευθῆναι. ἔχουσι δὲ οἱ Ἄρταβροι πόλεις συχνὰς ἐν κόλπῳ συνοικουμένας, ὅν οἱ πλείοντες καὶ χρώμενοι τοῖς τόποις Ἄρτάβρων λιμένα προσαγορεύουσιν· οἱ δὲ νῦν τοὺς Ἄρτάβρους Ἄροτρέβας καλοῦσιν.

³⁹⁰ Diocese seminómada: cfr. a identificação dela em Pierre David, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*, Lisboa-Paris, 1947, pp. 57-62.

³⁹¹ Cfr. Paulo Orósio, *História*, 1, 2, 71.81 (*Brigantia*); Ravenate, *Cosmografia* 5, 43, p. 308 ed. Pinder — Parthey (*Bricantia*); Ptolemeu, *Geografia* 2, 6, 4 (Βριγάντιον «Brigántion»); Antonino, *Itinerário* 424.5 (*Brigantium*); Dião Cássio, *História Romana* 37, 52-3 (Βριγάντιον «Brigántion»). Uma inscrição da Corunha, gravada na rocha, aí, diz: *Marti Aug(usto) sacr(auit) G(aius) Seuius Lupus architectus Aeminiensis Lusitanus ex vo(to)*; ou seja: «A Marte Augusto consagrou Gaio Sévio, arquitecto eminiense lusitano, por promessa (voto)».

³⁹² Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa, 1905, pp. 42 e 66.

a essa imigração, existente no território onde ficam Portugal e Galiza, possuía a sua língua. Sabemos que esta língua tinha características indo-europeias, e era afim do berbere primitivo, senão até a mesma língua. Sabemos também, mormente pela toponímia do Norte de África, do nosso território e da Irlanda, que devia ser fundamentalmente estrímnico o idioma irlandês anterior à invasão céltica nesse país³⁹³.

Deste modo, é lícito e é lógico procurar no velho irlandês — sobretudo naquilo em que ele se possa discriminar da língua geral da Gália (essa dominadoramente céltica, falada pelos Celtas *Galli* invasores) — as raízes que expliquem topónimos do Ocidente Ibérico, inscrições em língua daqui, pré-romana, e relíquias pré-romanas da língua portuguesa, ou galega.

A essa língua primitiva, comum a Portugal e Galiza, à Bretanha francesa e às Ilhas Britânicas, antes da invasão ou entrada de Celtas, chamámo-lhe *estrímnica*, de acordo com o nome da respectiva população, os Estrímnios, conforme o testemunho, principalmente, do périplo de Himilcão conservado no poema de Avieno.

Claro que nesse idioma poderiam ter entrado, e entraram, vocábulos de outras línguas — especialmente da dos Fenícios e Cartagineses, quando estes Povos contactaram com os Estrímnios na Península Ibérica. Mas na essência permaneceu o mesmo no Ocidente da Ibéria.

Foi o que sucedeu também com o estabelecimento de Celtas no nosso território. Integrados estes na Nação lusitana, no seio da qual viviam e se difundiram, em número sem dúvida reduzido comparativamente, criariam topónimos nos locais onde habitaram, e então transmitiriam à *língua dos Lusitanos* termos da sua fala, que ela encorporou e podia ter legado, como efectivamente legou, ao galegoportuguês, através do *latim lusitânico*³⁹⁴.

Consequentemente, na investigação lingüística das origens do português, que deriva em linha recta do latim lusitânico, nada cientificamente impede pesquisar, em raízes do velho

³⁹³ V. notas 372 e 373.

³⁹⁴ V. notas 371, 372 e 373. Cfr. nota 335 do n.º IV desta série.

irlandês, pré-célticas, étimos das palavras e expressões pré-romanas da grei.

Exige-se porém discrição nessa pesquisa, porque se imiscuiram desde o séc. V no latim lusitânico palavras e expressões germânicas, ou seja, suévicas, algumas das quais estão vivas — sem esquecer a toponímia resultante da fixação dos Suevos em nosso território. Nem isto aliás nos pode fazer esquecer a contribuição do idioma árabe, que enriqueceu o nosso já vasto depósito linguístico, influenciando o latim vulgar medieval e o galegoportuguês³⁹⁵.

E, como dissemos, sempre que a comparação com o berbere puder ser feita, ela trará segurança maior à fixação do carácter estrímnico de expressões que os dicionaristas não conseguem explicar por estratos de línguas mais recentes do que a pré-romana.

Vamos tentar discriminar alguma coisa neste campo, além do que ficou apurado em itens desta série, e em outros nossos trabalhos³⁹⁶.

(23) — ABA, OBA e OPA

No seu infelizmente incompleto *Dicionário da Língua Portuguesa*, o grande Mestre brasileiro Augusto Magne³⁹⁷ exarou, na verba *Aba*:

«O vocábulo português não pode separar-se de importante grupo românico: catalão *álapa*, romeno *aripă*, provençal *aubo*, *arbio*, *alibre*, espanhol *álabe*, «pá ou pena de azenha³⁹⁸»; francês antigo *alve*, século XII, e *auve*, francês moderno *aube* «paleta de roda hidráulica», dantes «toda peça que ligava um ao outro os dois arções da sela» (sem relação alguma com *aube* «aurora», nem *aube* «túnica branca de Sacerdote», que se prendem ao feminino *alba* «branca», do

³⁹⁵ Cfr. obras cits. *ibidem*.

³⁹⁶ Cfr. *Filologia e História*, 1 a), 15 a), e b) e 21 a); *Oestrymnis ...*, passim; *História de Portugal*, II em publicação.

³⁹⁷ Augusto Magne, *Dicionário da Língua Portuguesa especialmente nos períodos medievais e clássicos*, Rio de Janeiro, 1950.

³⁹⁸ No original, «acenha».

adjectivo latino *albus* > «alvo», mas a cuja influência externa será devida a mudança do -v- da forma antiga *auve* para -b- no moderno *aube*)»³⁹⁹.

A seguir, considera:

«A coesão do grupo românico elimina a possibilidade de ter este sua origem no árabe *al-awech* «o que é tortuoso, curvo, o que não está direito», proposta por Eguilaz, p. 80-1, RLP, XLIX, 1927, p. 161. A este étimo, satisfatório para o português *aba*, se opõe a fonética dos demais idiomas românicos».

Naturalmente, volta-se para o latim, base geral da língua portuguesa:

«Postas de lado, por inadmissíveis, as várias hipóteses que acabamos de mencionar, leva-nos ao substantivo feminino latino *alāpa* o confronto com os outros representantes românicos do grupo, cuja forma e significado argüem origem idêntica».

Uma objecção:

«Mas deste substantivo latino só é abonada a acepção «bofetada» — inconciliável, à primeira vista, com a de *aba* —, e no latim medieval, de «fechador metálico para livros». De *alāpa* «bofetada», em todo o caso, mana o verbo latino *alapāre* «dar bofetada», a que se prende o gascão *alebar* «ferir»; resta verificar se com este verbo se pode identificar, e de que modo, ou se, pelo contrário, é mero homógrafo, o que deu origem ao espanhol *alabar*, de que procede o substantivo feminino *alabanza*⁴⁰⁰ «louvaminha». ZfrPh III, p. 103. REW, 311. Quanto a *aba*, pois, ou haverá dois substantivos *alāpa*, independentes, ou o que serve de base ao grupo românico, aqui estudado, se identificará com *alāpa* «bofetada», cujo significado inicial terá sido «mão espalmada, tudo o que de algum modo se parece com mão aberta, nomeadamente — pá de roda hidráulica». Vejam-se a este respeito as considerações de Meyer-Lübke ZfrPh XXXL, p. 582-7. *Arch. de*

³⁹⁹ Desenvolvemos todas as abreviaturas para melhor compreensão, assim como nos permitimos corrigir pequenas gralhas do texto, que o A. não reviu. Adaptamos a grafia, para inteligência da exposição.

⁴⁰⁰ No original, «alabanças, louvaminhas».

Herrig. t. CXLVI, p. 298, e de H. Schuchardt *ZfrPh*, XXXI, p. 721-5. REW, 310. FEW, I, p. 57-8».

Estes elementos nada esclarecem, sobretudo se prendermos a palavra portuguesa ao étimo latino *alāpa* «bofetada» e ao grupo dos derivados românicos deste, acima apontados. Assim também pensa, tinha que pensar evidentemente, o grande filólogo brasileiro, que disse:

«À vista de quanto precede, é justificado o alvitre de L. Spitzer, *Arch rom.* VII, 1922, p. 497: «é desconhecido, até hoje, o étimo de *aba*». Por outra parte, escreve G. Rohlf's *Ltbt.* XLIII, 1922, col. 244: «o enigmático *alapa* há-de ser, por muito tempo ainda, uma cruz para os lingüistas. Uma coisa, ao menos, parece certa: nesta voz influíu cedo o latim feminino *āla* «asa», com que o relacionou o latim popular, tanto mais fácil de explicar que, em latim, *alāpa* está de todo insulado. Só assim poderá abranger significados tão diversos, que se não pode directamente deduzir de *alāpa* «bofetada». (Para a passagem de «asa» a «pá de roda», compare-se o português «pena de azenha»⁴⁰¹, do latim *pīnna* «pluma»). O vocábulo penetrou até ao Sul da Itália, como o demonstra o calabrês *álapa* «pá de roda de moínho»⁴⁰².

Daqui para a nossa *aba*, que nunca significou «bofetada», «palma da mão» — em latim *palma* ou *vola*⁴⁰³ —, «pá de moínho ou azenha», não se vê realmente caminho, mesmo com o reforço (forçado) de *āla*, ou da ideia, algo mais aproximada, de «asa», que esse termo exprime. *Alāpa* daria em português *aaba*, e não *abaa*, forma medieval que apresenta José Pedro Machado, referida ao século XIV: «entam o filhou pola *abaa da loriga* ...»⁴⁰⁴.

Em face disto, e ainda no pressuposto de origem latina, este mesmo autor aventa a hipótese de se ter verificado

⁴⁰¹ V. nota 398.

⁴⁰² Segue-se o vocábulo *abá*, indevidamente grafado *aba*, sem o acento, pois aquela é a prosódia exacta, conforme nota Magne, s.v., onde produz um texto de Frei António do Sacramento, na sua obra *Viagem Santa*, I, 1739, p. 10.

⁴⁰³ Pedro José da Fonseca, *Dicionário Português e Latino*, 7.ª ed., Lisboa, 1861, vb. «bofetada».

⁴⁰⁴ *Demanda do Santo Graal*, ed. de Augusto Magne, Rio de Janeiro, 1944, 66c, 184. — Citação de J. P. Machado.

metátese no latim vulgar (não documentada aliás), ou seja, **apāla*, donde poderia derivar essa *abaa*, e a forma decorrente desta, medieval também, *abaada*, actual *abada*⁴⁰⁵.

Simplemente: o problema, se obteria explicação de acordo com as regras filológicas formais, nem por isso ficaria resolvido, por causa do sentido fundamental «bofetada», único que tem a *alāpa* latina.

Corominas, no seu abundante *Dicionário* de «hispânico»⁴⁰⁶, com grande erudição, traz a notícia dum castelhano *aba*, significando ora uma medida de comprimento ou «longitud», ora interjeição com o sentido, em português: «tira!»

Nada disto é a nossa *aba* ... E o facto de não existir em castelhano, senão como ideia diversíssima, já nos indicia origem alheia a idiomas que influenciaram essa língua, e por consequência, em nosso ádito étnico-lingüístico, pré-romana e presumivelmente não céltica.

Diz ainda o dicionarista catalão que o português *aba* é irmão gémeo do castelhano *álabe*⁴⁰⁷, que define como «asa ou lado do telhado, duma tenda de campanha», ou «paleta curva de roda hidráulica». A equivalência é forçada, ou não existe sequer.

Corominas insiste no étimo *alāpa* para o galegoportuguês *aba*, citando formas dadas por Magne e outras, designadamente o gascão *alabe*, que em francês é «lange, couche, layette, drapeaux, tout ce qui sert d'émailloter»⁴⁰⁸, o palharense (*a*)*laba*, em que se vê um *a* inicial suposto, e que significa «vertente do telhado» — o que chamamos em português «empena», e nunca «asa» (só metáfora!) nem «beira do telhado», e muito menos *aba*! Acrescenta o corso *álaba* e *alva*, «postigo», etc.⁴⁰⁹, e outros «por el estilo» ... Ou seja, nada.

⁴⁰⁵ José Pedro Machado, *Dic. etimológico* cit., vb. *aba*¹ e vb. *abada*; aí citando, no séc. XIV: «e com todo que se acharem que algumas levam saco, ou cesto, ou grandes *abaadas* ou carrões» (Foros de São Martinho de Mouros, nos *Inéd. Hist.*, IV, p. 589).

⁴⁰⁶ Joan Corominas, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (colab. José A. Pascual), Madride, 1980, vb. «aba».

^{407, 408, 409} *Op. cit.*, vb. «álabe». Claro que *aba* se pode aplicar à beira do telhado; mas figuradamente, como se verá do sentido próprio originário, de «fimbria de veste».

Procuramos outro caminho, essencialmente o do substrato ideológico.

A palavra galegoportuguesa *abada* tem âmbito mais limitado e mais preciso do que *aba*, apesar de provir desta, com o sufixo *-ada*. Com ela se exprime o resultado de, levantando alguém (a mulher, normalmente) a *aba do vestido* (ou da saia ou avental), poder sustentar, não necessariamente em côncavo (senão no que o peso o origine), uma porção de objectos, v.g. avelãs, nozes, flores, batatas, cebolas ...

Ora, se o conceito primitivo de *aba* não se relacionasse com vestuário, certamente seria impossível este sentido, ou seria tão vago que se aplicaria a qualquer depósito de coisas, buraco, malga ou caixa, e tal não sucede. Isto nos força, repete-se, a evocar a ideia de vestuário ... com abas.

Então, afastando a superstição latinista e a muleta do latim hipotético, buscando antes uma linha semântica razoável; reiterando que os Lusitanos possuíam, antes de se romanizarem, uma língua própria, basicamente estrímnica⁴¹⁰, nesta é-nos lícito investigar a origem do termo *aba*, desconhecida para Spitzer e Magne, enigmática para Rohlfs.

Vai-nos servir o idioma berbere, que é um dos ramos estrímnicos⁴¹¹.

Ensina J. P. Machado, no seu *Dicionário Etimológico*⁴¹² que o português teria importado do berbere a palavra *abana* (acento na primeira sílaba), que significava uma peça de vestuário, denominada *a'aban*, e cita um texto de 1507⁴¹³: «As mercadorias que os portugueses lá tem som pannos de coor baixos azul e vermelho e linho de todas sortes, alborozes, alquiçes, *aycas*, *abanes* ...», sendo que *abanes*, plural de *aban* ou *abane*, constitui variante de *abanas*, plural de *abana*, por seu turno variante de *aban*, como nome de unidade⁴¹⁴. Diz ainda Machado que os dois últimos substantivos do trecho citado são sinónimos.

⁴¹⁰ Cfr. Velozo, *Oestrymnis ...*, *passim*, e *supra* nota 396.

⁴¹¹ Cfr. *op. cit.*, pp. 23 e segs. e *passim*.

⁴¹² J. P. Machado, *op. cit.*, vb. «abana», «abane» e «haique».

⁴¹³ Valentim Fernandes, ed. da Academia Portuguesa de História, p. 44. — *Cit. ibidem*, vb. «haique».

⁴¹⁴ Cfr. Belot, *Cours ... cit.*, p. 85.

Compulsando o Dicionário de Tedjini, referente ao árabe marroquino⁴¹⁵, que recolheu a palavra berbere, achamos que «'abaana^t» significa em francês «couverture de laine»⁴¹⁶, enquanto que «haayk»⁴¹⁷ é «pièce d'étoffe (laine ou soie) dans laquelle se drapent les femmes musulmanes et même les hommes dans certaines villes». Como se vê, a abana é mais primitiva ou simplificada do que o haique, ou, tomado no feminino, a haica. Este ou esta, explica Sicard, é uma veste exterior⁴¹⁸. Porém, conformemente à notícia de Machado, a palavra berbere é antes «a'aban». Compõe-se de dois elementos: o primeiro é o artigo masculino berbere *a*, e o segundo o substantivo 'aban ou só aban (*a*). Portanto, segundo

⁴¹⁵ B. Tedjini, *Dictionnaire ar.-fr. (Maroc)*, cit.

⁴¹⁶ *Ibidem*, s.v.

⁴¹⁷ *Ibid.*, s.v.

⁴¹⁸ Jules Sicard, *Vocab. fr.-ar. — Dialecte Marocain*, cit., diz sobre o vestuário marroquino isto, que transcrevemos no original: — «L'homme, surtout le citadin, est vêtu d'une chemise: Tchamir, Qmejjja ou Mançouriya, d'un pantalon très ample: Seroual, d'une sorte de robe: Qaft'an, surmontée parfois d'une autre robe: Farajîya, et d'une blouse de laine sans manche: Qechchâbiya. Souvent il porte une veste avec gilet: Beda'îya. — Le tout serré à la taille par une ceinture: Kourziya ou Med'amma. Il est chaussé de babouches jaunes: Bel'r'a. Sa coiffure est une bande de mousseline: Rezza, roulée autour d'une calotte rouge: T'arbouch. Comme vêtement extérieur, il porte la jellâbiya (manteau avec capuchon), parfois le bournous (Selhâm) et une pièce de laine rayée de soie drapant le corps et remontant sur la tête: Ksâ. *Cette même pièce, à l'usage de la femme, s'appelle H'aïk.* — Dans les milieux aisés, la femme revêt le qaft'an par dessus la chemise: Zegdoûn (ou Tah'tîya), et une robe en mousseline, tulle broché ou soie légère: H'ezam, ou broché d'or: Md'amma. La coiffure est faite d'un foulard: Sebnîya ou Qd'ib. La chaussure d'intérieur est brodée: Cherbil; celle dite: Mechchaïa est ordinaire. *Quand dans la rue, elle se couvre le visage avec le pan de son h'aïk, elle est Mr'enbcha ou Mr'embra (laissant un oeil à découvert).* — Le vêtement du campagnard est en général des plus sommaires. Il est souvent tête nue ou se borne à se ceindre le chef d'une bande d'étoffe: Chedd ou Rezza, sans calotte, il porte parfois la Qechchaba, sorte de blouse sans capuchon. — La femme de la campagne porte, sur la chemise, un châle appelé: Izâr ou Cheqqa ou Ouquia» (págs. 78-79, nota). O A. tem uma transcrição do árabe própria.

o sistema que usamos na representação dos termos estrímnicos: A-aBaNa⁴¹⁹.

Abana, palavra grave originariamente — pois desprezamos agora o artigo berbere que a precede — «a» —, sendo usada no Ocidente Peninsular, na Estrimne originária, ou na Cinética ou «última», ficaria, após a romanização da Lusitânia, *sujeita à prosódia latina*, e esta logo a tornaria proparoxítona ou esdrúxula⁴²⁰, mormente se o latim a absorvesse acompanhada do artigo estrímnico e berbere *a*, assim: *aabana*. Teríamos pois um termo latinizado **ābāna*, que o medieval *abaa* postula, vista a normal queda do *n* intervocálico entre sílabas átonas⁴²¹. E aqui encontramos a *aba*, que na origem significaria, como diz José Pedro Machado do correspondente berbere, uma peça de vestuário. Era de lã e servia para cobrir o corpo, já o vimos. Tedjini, acima citado, remete para «*battaaniya*^t», com o mesmo significado, que deriva de «*bataana*^t», definida: «*peau de mouton fraîche, pièce de cuir comprenant la peau entière*»⁴²², palavras árabes⁴²³.

Podemos precisar um pouco mais a natureza da veste em apreço. O actual uso berbere convence-nos de que era roupa interior, pois são outras as exteriores, entre elas o já falado *haique*⁴²⁴. Mas todas as dúvidas tira o seu sinónimo «falda, ou fralda (de monte)», palavra germânica importada pelo latim⁴²⁵. A *aba* era uma fralda. Feita de lã, como o é ainda no Mágrebe.

⁴¹⁹ Cfr. Velozo, *Oestrymnis ...*, p. 20 e *passim*.

⁴²⁰ Tal o tratamento que sofreram topónimos indígenas que tudo indica tivessem acentuação na penúltima sílaba: *Bracara, Ossonoba, Olisippo*. Cfr. Velozo, *op. cit.*, Apêndice — Vocabulário «Oestrymnico», as referências a esses nomes, e *passim*. Há semelhança com a adaptação do acento em palavras de origem grega: cfr. Grandgent, *op. cit.*, §§ 144-145.

⁴²¹ Cfr. Nunes, *op. cit.*, pp. 114 e segs.

⁴²² Tedjini, *Dict. ar.-fr. (Maroc)*, s.v. origem do port. «badana».

⁴²³ Cfr. p. ex. Corriente, *Dicc. ár.-esp. cit.*, s.v.

⁴²⁴ Cfr. *supra*, e nota 418.

⁴²⁵ J. P. Machado, *Dic. Etim. cit.*, s.v. Esta equivalência em Corominas, *loc. cit.*, reconhecida.

Não parece descabido, atendendo ao exposto no artigo anterior, aproximar o termo *aBaNa*, berbere-estrímnio, que deu a nossa «aba», do vocábulo *bán* do velho irlandês, que significava «branco»⁴²⁶. Não só a lã é branca, mas tratava-se de roupa-branca ...

Pegando pelo extremo da fralda, tinha-se a *abada* ...

Avieno, descrevendo os Estrímnios peninsulares de acordo com o périplo do cartaginês Himilcão, diz-nos que eles teciam panos para tendas e velas de navios com a lã de cabras e dos rebanhos (*Ora mar.* vv. 218-21). Assim faziam necessariamente o seu vestuário interior.

De *aba* entendemos ser de aproximar *oba*, que por ensurdecimento⁴²⁷ deu *opa*⁴²⁸. *Oba* é por Viterbo documentada já em 1010⁴²⁹: de obscura, melhor, desconhecida proveniência, como *opa*⁴³⁰.

Com efeito, em nosso estudo *Oestrymnis*, desenvolvemos a demonstração da existência, na língua estrímnica, do que chamámos então «prefixo locativo», significando «lugar onde», anteposto a numerosos substantivos: *O*. É notável a *coincidência* do que sucede em russo, em que o chamado «caso prepositivo» é sempre precedido da preposição *o* — que significa «sobre» ou «relativo a», como o prefixo locativo estrímnico. A preposição russa torna-se *ob* antes da palavra que comece por vogal⁴³¹; mas em antigo eslavo não só *obu*, e *obi*, mas

⁴²⁶ Cfr. Pokorny, *Antiguo irlandés* cit., p. 60, s.v.

⁴²⁷ Zélio dos Santos Jota, *Dicionário de Lingüística*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1981: «Endurecimento, s.m. Passagem de sonora a surda: lat. *nive* > fr. arc. *noïf* (v > f); lat. *vehementia* > port. arc. *femença*. O facto é raríssimo (...) como em *xarope* (de *xarubi*)».

⁴²⁸ Machado, *Dicion.* cit., vbs. «oba» e «opa».

⁴²⁹ *Op. cit.*, s.v. «opa»: — «O *Elucidário* menciona a forma *oba* (certamente ligada a *opa*), que documenta com texto de LOIO». O castelhano tem *hopa*, que o *Dicc. de la Lengua Esp.*, da Real Acad. Esp., cit., define: «Especie de vestidura, a modos de túnica ou sotaina fechada; loba ou saco dos justicados». Como não existe, nem existiu o precedente *oba* ou *hoba* em cast., deve constituir aí uma importação do port., e não vice-versa, conforme pretende Corominas, *Dicc.* cit. s.v., e Machado, *loc. cit.*, admite como possível.

⁴³⁰ V. nota 428.

⁴³¹ Cfr. Peter Norman & Natasha Bartseva, *Curso de lengua rusa*, adapt. ao cast. por Victor Andresco, Madride. 1970, p. 11.

também o traduziam «junto de»: cfr: o latim *ob*⁴³². Corresponde ao inglês *on* em tal sentido. O estrímnico, como temos recordado, era idioma indo-europeu.

Por consequência, legitima-se interpretar **obana* (oba), nesse idioma, como O+(a)BaNa, ou seja, *sobreveste*, que ainda é, nas funções religiosas, especialmente católicas, a *opa*. O seguro Pedro da Fonseca, definindo no seu *Dicionário Português e Latino* a *opa* como «género da vestidura solta e comprida», apenas lhe dá os equivalentes latinos de *vestis talaris*, e de *vestis longa*⁴³³. **Obana*, de grave, passaria a esdrúxula no latim, e portanto daí viria em galegoportuguês **óbãa*, e por fim *oba*. Na verdade era traje que se punha «sobre» (O) a veste interior ou *aba*. A imagem disto é-nos familiar em estátuas da Antiguidade!

Resta dizer alguma coisa acerca de considerandos, feitos pelos autores acima citados, e que ainda não foram objecto de apreciação.

Antes de mais, apoiamos a rejeição, por Augusto Magne, da derivação proposta por Eguilaz quanto a *aba*: do árabe «al-a'ujaj», curvo, ainda que lhe suprimíssemos o artigo e lhe acrescentássemos a desinência do feminino e dos nomes de unidade («-a'ujaj^t»). Não se vê porque dum hipotético intermediário — mais que hipotético: duvidosíssimo — **áuaja* (= ávaje = ábaje), para mais adjectivo e não substantivo, resultaria um substantivo, *aba*, sem o *j* e podendo não ser curvo mas repuxado em linha recta ... Além disso, uma *abada* pode nada ter de curvo, nem, se a *aba* for bem esticada, de côncavo, também.

Finalmente, notaremos que a *alăpa* latina, com prolação do acento no latim vulgar⁴³⁴, e o verbo *alapāre*, que teria influenciado essa prolação, — têm ambos herdeiros em português, o que portanto exclui o hipotético **apāla*. Trata-se de *lapa* «bofetada»⁴³⁵ e *lapada*, com o mesmo sentido, ao

⁴³² Cfr. Boisacq, *Dict. cit.*, vb. *ἀμφοί*, p. 58.

⁴³³ Pedro José da Fonseca, *Dic. cit. s.v.*

⁴³⁴ Corrente, do lat. clássico para o vulgar, e do lat. para o port.; cfr. E. B. Williams, *Do latim ao port.*, cit., §§ 3, 122, 3 B, etc.

⁴³⁵ Artur Bivar, *Dic. cit.*, vb. «lapa».

menos em o Norte do Continente, e que nada têm que ver com pedra — lapa — ou pedrada — lapada, ou alapada.

Deste modo, julgamos poder fixar, como palavras estrímnicas, «aba» e «oba», nas formas originárias aBaN(a) e O-(a)BaN(a), e as suas derivadas «abada» e «opa», respectivamente.

No número imediato, ainda tocaremos neste ponto.

(24) — ALBA

É o nome que o irlandês dá à Escócia, segundo Boisacq, o qual aventa o significado, aliás incerto, de «terras altas» (*Highlands*), aproximando-o do topónimo itálico *Alba*, que parece atribuído a cidades colocadas num alto, *Alburnus*, montanha da Lucânia, de *Alba*, Alp da Suábia, e *Alpes*, alegando o mesmo autor uma tese de Walde relativa ao termo grego *λόφος*⁴³⁶. No nosso estudo *Oestrymnis* ..., a que recorreremos frequentemente como a trabalho feito, mencionámos numerosos topónimos e gentílicos, ao que parece, relacionados com a mesma raiz; sem esquecer a célebre *Alba Longa*, cidade do Lácio, e o nome antigo da Grã-Bretanha, *Albion*. Ainda agora não encontrámos o significado ou ideia contida na raiz aLB, embora não se possa deixar de ter em mente o latim *albus*, alvo. A verdade é que a tribo ou Nação estrímnica dos Albíones ocupava zona montanhosa a Norte do Douro, para as Astúrias⁴³⁷. Assim, entre «alto» e «branco», se é que são tais os termos da dicotomia, não sabemos como nos decidir.

Porém, isto bastará também para se ver que a nossa *aba*, ou a berbere *abana*, de modo algum podem ser referenciadas aos termos *alba* e *alapa* em latim, «branca» e «bofetada».

A raiz indicada, aLB, existia entretanto no velho irlandês, ou pelo menos a palavra *Alba*, que designava a Escócia. E não podemos esquecer que tudo eram línguas indo-europeias: ao

⁴³⁶ Boisacq, *Dict.* cit., vb. *λόφος*, p. 588.

⁴³⁷ Velozo, *Oestrymnis* ..., pp. 55-6 e nota 230.

estudarmos, por exemplo, o vocábulo *Minium*, no ensaio acima citado, mostrámos isso mesmo, declarando-o irmão de *moenia* (o singular desta palavra não existia já em latim)⁴³⁸

Todavia, pode ser que essas Albas todas, assim como outros termos da mesma raiz, significassem algo como «Monte Branco» ou «Alvo», assim chamados por qualquer circunstância.

(24) — AGOIRO e AGOURO

São as palavras portuguesas «agoiro» e «agouro» tidas por sinónimas.

José Pedro Machado, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, dá-nos a seguinte erudita, importante verba:

«*Agoiro*, s. do lat. *auguriu* —, «observação e interpretação dos sinais mágicos (sobretudo do voo das aves); ciência augural; o próprio presságio; o que se oferece ao augur; predição, profecia; *pressentimento*, previsão», por intermédio do vulgar **aguriu* —».

Sublinhamos o sentido, um pouco desviado do originário, de «pressentimento», no aspecto subjectivo. Será ele figurado ou emprestado?

Continuemos a ler:

«Há o divergente culto *augúrio* (...). O voc. deve ser ant. (em cast. nas *Glosas Silenses*, 2.^a metade do séc. X; cf. Pidal, *Orígenes* § 29², p. 160). Séc. XIV: «E esto he falso claramente por que eles todalas gentes husam de sortes e de *agoiros*», *Corte Imperial*, p. 178».

Trata-se de observação de sinais, para pressagiar o futuro; do *agoiro* propriamente dito, palavra que grifámos. Prosseguindo, diz o douto dicionarista e filólogo:

«Não consigo documentar antes do séc. XVI a var. *agouro*. «Que tam crédulo era em seus *agouros*», Lus. VIII, 58»⁴³⁹

⁴³⁸ *Op. cit.*, pp. 44 e segs., especialmente p. 51 e nota 202.

⁴³⁹ J. P. Machado, *Dic. Etimológico* cit., s.v. Henrique Maurer, *Gramática* cit., p. 24, dá como derivados de *augurium*, o «fr. ant. *aür*, prov. *aür*, esp. AGUR» (grifamos), «port. *agouro*». *Agur* é palavra

Sublinhámos a palavra *agouros* que, talvez por exigência de rima, Camões assim equipara a *agoiros*.

Mas seria ainda a mesma coisa, ou estaremos em face de inovação linguística, das muitas que fez o Épico? Inclino-nos para a última hipótese, em face da certíssima doutrina de José Joaquim Nunes ⁴⁴⁰:

«O ditongo *ou*, quer latino quer românico, alterna na língua moderna com *oi*, dizendo-se hoje indiferentemente *ouro*, *touro*, *cousa*, *tesoura*, *agouro*, etc. ou *oiro*, *toiro*, *tesoira*, *agoiro*, etc.

É um facto da linguagem de hoje. Não sucedia, porém, assim, na antiga, que mantinha a *distinção imposta pela diversa proveniência dos dois ditongos*, dizendo *ou*, se representava o latino «au», mas *oi*, se tal não era a sua origem, isto é, quando românico».

Entretanto a inovação camoniana foi-o apenas na língua literária, onde deixaria então de constituir silabada... Com efeito, «parece que a pronúncia *oi* era no século XVI peculiar aos Judeus, porquanto Gil Vicente, que distingue *ou* de *oi*, isso não obstante, põe *oi* na boca dos que apresenta nalgumas das suas farsas» — explica Nunes ainda ⁴⁴¹.

Conjugando, pois, os assertos dos dois filólogos, que transcrevemos, verificamos que do latim *augūriu* — presságio (acto e resultado), ou melhor, do vulgar **agūriu* —, só proveio *agoiro*, em que a semivogal *i* foi atraída pela tónica *u*: **agūriu* > **agūiru* > *agoiro*.

Semelhante coisa não se deu, pois dar-se não podia, quanto a *agouro*. Julgamos que esta palavra deriva de uma

vasca, que significa «adeus» com sentido afectuoso, algo irónico, e deu em castelhano *abur*» (Corominas, *Dicc. cit.*, vj. esta palavra) e certamente *agur!*, mas com o mesmo sentido do étimo, que deriva sem dúvida do it. *augurì!*, «boa sorte!, passe bem!». As *glosas Silenses*, referidas por Machado, consignam *agüero* (Corominas, *op. cit.*, vj. esta palavra). «Na época imperial — escrevem Ernout & Meillet (*Dict. cit.*, 4.^a ed., 1967, vb. *augurium*) — aparecem as formas dissimiladas *agurium*, *agustas*...».

⁴⁴⁰ J. J. Nunes, *op. cit.*, p. 78, obs. II.

⁴⁴¹ Sobre o desaparecimento do ditongo inicial em *augurium*, v. *op. cit.*, p. 79 e nota 2, e AA .aí cits.

raíz pré-romana que se conservou no velho irlandês: *āgur*, que significa «eu temo»⁴⁴².

Quanto à forma, é de notar que em tal palavra, ao entrar ela no latim vulgar, encorporada no latim lusitânico, o «u» deu normalmente «o», ou com ele permutou⁴⁴³.

No caso em apreço, o «o» desenvolveu-se depois em *au* = *ou*⁴⁴⁴, regra aplicável aos vocábulos dos idiomas célticos, como este é considerado (aliás sem razão, pois não há nenhum semelhante em línguas de Celtas, conhecidas)⁴⁴⁵. Mas também o fenómeno de alternarem como equivalentes *o* = *ou* é corrente na nossa língua⁴⁴⁶. O que se vê claramente, por existir em português o verbo *agorentar* e o adj. *agorento*, que manifestamente equivalem a «agouro» e «agourento» (não confundir com «agoirento»), e por isso é legítimo escrever «agourentar»⁴⁴⁷ (mas nunca «aguarentar», pois nada tem que ver, seja o que for, com «água» ...).

Este verbo, nas duas grafias, oferece, diz Bivar⁴⁴⁸ os sentidos de «encurtar, diminuir, cercear, aparar em roda, murmurar, desacreditar, apoucar». Os últimos, que se aponta como figurados, não o são, antes os mais chegados à origem semântica: o *temor de um mal* está-lhes ligado.

Acontece que, na confusão de *agoiro* com *agouro*, os dicionaristas atribuem-lhes indiferentemente, além do sentido de presságio, que só ao primeiro originariamente convém, o de «mau sinal», citando de Gil Vicente a frase: «... e tendo o muito cobiçar por *agouro*»⁴⁴⁹; mas a *agourento*, o de anunciador de má sorte⁴⁵⁰, ideia afim, não de qualquer vaticínio,

⁴⁴² Cfr. Boisacq, *Dict. cit.*, vb. ἄχομαι, p. 108. Cfr. o *tongo* (eu juro) de *Tougoenabiacus*, na Fonte do Ídolo, em Braga, segundo Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, pp. 239 segs.

⁴⁴³ C. H. Grandgent, *Introducción al latín vulgar*, trad. esp. do ingl., 3.^a ed.; Madrid, 1963, §§ 206, 2; 208; 243 e 244; Edwin B. Williams, *op. cit.*, § 48, 1.

⁴⁴⁴ Grandgent, *op. cit.*, § 212.

⁴⁴⁵ Boisacq, *loc. cit.*

⁴⁴⁶ Nunes, *op. cit.*, p. 84, obs. IV.

⁴⁴⁷ Cfr. Machado, *Dic. cit.*, s.v.

⁴⁴⁸ Bivar, *Dic. cit.*, s.v.

⁴⁴⁹ Moraes e Silva, *Dic. cit.*, s.v.

⁴⁵⁰ Bivar, *Dic. cit.*, s.v.

mas só do que for temeroso; e, enfim, a *agourentar* (ou *agorentar*), o de ameaçar com a desgraça.

Entendemos assim que a origem dos vocábulos estudados é a seguinte:

-*agoiro*, no latim *augŭriu*, vulgar **agŭriu* —, presságio (acto e resultado);

-*agouro*, no nosso vocábulo pré-romano da raiz *āgur*, «eu temo», que se conhece no velho irlandês, e se integrou no latim lusitânico, dando **aguru*- > **agoru*- > *agouro*, de sentido subjectivo puramente.

Trata-se pois dum vocábulo estrímnico, ainda vivo no português.

(25) — BOÇA

Tendo em bretão *bōz* o significado de «creux de la main», cavidade da mão, segundo Boisacq⁴⁵¹, compreende-se que, importada a palavra no francês antigo, haja dado *boce*, que depois se escreveu *bosse*; e termo semelhante da linguagem indígena da Lusitânia possa ter originado o port. *boça*, que Machado, aliás derivando este do fr., abona no séc. XVII⁴⁵²: «que temem *boças* nas vêrgas»⁴⁵³. No entanto, em velho irlandês existia, a par de *bass* a força *boss*, com significado idêntico ao do bretão *bōz*⁴⁵⁴, e que daria em português *bossa* normalmente, através do latim, mas de pronúncia aproximada à britânica.

Não existe palavra semelhante em castelhano, idioma mais influenciado pelo gaulês, céltico, e assim é de crer que seja pré-céltica, além de privativa da zona galegoportuguesa.

⁴⁵¹ Boisacq, *op. cit.*, vb. ἀγοστός, p. 9.

⁴⁵² Francisco de Brito Freire, *Relação da viagem que fez ao Brasil a armada da Companhia ...* 38, ed. 1655. — cit. de Machado.

⁴⁵³ Machado, *op. cit.*, s.v.

⁴⁵⁴ Boisacq, *loc. cit.* Este autor indica uma forma céltica **bost-ā*, mas como simples hipótese.

(26) — GÔTO

No sentido de garganta profunda (donde se emite a voz); esta palavra, que não tem correspondente em castelhano — o que já inculca origem não latina —, deve provir de um étimo relacionado com o velho irlandês *guth*, «voz, palavra»⁴⁵⁵, que daria, latinizado, **guthu* = *gutu*, e não do latim *guttur(em)* como se tem aventado, que possui um «r» a mais, embora este último termo provenha de uma raíz indo-europeia comum. Provavelmente tem aí a sua origem a palavra *esgoto* e derivados: *es* (lat. *ex*) + *goto*.

(27) — LEIRA

A etimologia obscura desta palavra, que não está no latim, pode-se relacionar com o velho irlandês *lār*, lat. «solum, fundus, area»⁴⁵⁶, ou seja, a nossa «leira», supondo-se, na passagem pelo latim lusitânico, o acréscimo do sufixo — *ea* ou *ia* (que pode ser pl. de — *eum* ou — *ium*), formando adj., que no latim popular se tomou muitas vezes como substantivo⁴⁵⁷. Donde *larea* ou **laria* > *leira*. *Larea* encontra-se no Ocidente peninsular, em textos da Idade Média⁴⁵⁸.

(28) — MALUCO (A)

O velho irlandês *mall* «lento», «hesitante»⁴⁵⁹, acrescido de outro elemento, que pode ser o nosso sufixo *-uco*, explicaria o vocábulo port. «maluco» de origem obscura, a não ser que se veja nele⁴⁶⁰ o gentílico das Ilhas Malucas, hoje ditas Molucas por anglicismo. Em castelhano há o adj.

⁴⁵⁵ Cfr. Boisacq, *Dict.*, vbs. βοή, γόος, ιοχέαιρα, pp. 125, 154, 379.

⁴⁵⁶ *Op. cit.*, vb. πέλραγος (m.), p. 760.

⁴⁵⁷ Grandgent, *op. cit.*, § 39.

⁴⁵⁸ Cfr. António C. Floriano, *Diplomática española del período astur*, Oviedo, 1951, pp. 734 e 771.

⁴⁵⁹ Cfr. Boisacq, *op. cit.*, vbs. μέλλω, μερμινᾶν, pp. 625 e 628.

⁴⁶⁰ Cfr. Machado, *Dic. Etim.*, s.v.

malucho(a) «que está um tanto mal»⁴⁶¹. Significado diferente, derivação de *malo*, do lat. *malu*.

Porém, para o nosso termo falta explicar a «lentidão»: lento em quê? Consequentemente o elemento final da palavra deve conter alusão à cabeça, ao raciocínio, às ideias.

Ora em galês existe *uch*, em cornoico *ugh* e em bretão *uc'h*, com o significado «em cima»⁴⁶². Logo: «lento» + «em cima» (na cabeça), *maluco*.

Fiquemos por aqui nesta matéria, deixando de parte, agora, os celtismos reais ou supostos do nosso vocabulário.

Francisco J. Velozo

ERRATA

No anterior ensaio desta série, o IV, publicado em 1986, saíram umas gralhas que precisam de correção. Na pág. 9 da separata (213 do «Boletim de Trabalhos Históricos», vol. XXXVII), nas linhas 7.^a/8.^a saíu «al-Andaluz» por «al-Andalus» que o A. citado escreveu; na pág. 11 (215 do Bol.), na linha 7.^a «limies» por «limites», e na linha 17.^a, «a-andaluç» por «al-andaluç»; na pág. 13 (217), nota 294, primeira linha desta, «aybar majmuu'a» por «axbar majmuu'a»; na pág. 16 (230), linha 10.^a, «catalán» por «castelán».

⁴⁶¹ Cfr. *Dic. de la Real Ac. Esp.*, s.v., e José Alemany, *Nuevo diccionario de la lengua española*, Barcelona, 1949, s.v.

⁴⁶² Cfr. Boisacq, *op. cit.*, vb. ὕψι, p. 1009.